

Perdidos por aí

Poemas esquecidos em algum lugar



José Neres

Título: Perdidos por aí

Autor: José Neres

Concepção gráfica, digitação, revisão e diagramação: José Neres

Ano: 2020

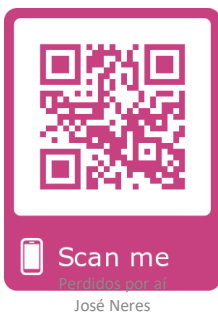
Imagem da capa: José Neres

As demais imagens foram tiradas as internet e digitalmente modificadas

© Todos os direitos reservados ao autor e a seus herdeiros legais. Joseneres@globo.com

Este trabalho pode ser reproduzido em qualquer meio físico ou digital, desde que resguardadas as fontes e a autoria.

São Luís, maio de 2020.



Poucas palavras

Gosto de poemas. Acredito que a poesia humaniza as pessoas e que ela tem um poder que vai além da palavra escrita, lida ou recitada.

Participei de alguns concursos literários e os poemas foram bem recebidos pelo júri técnico. Acredito que quase todos tenham sido editados em antologias. Mas esses livros nem sempre estão disponíveis no mercado.

Decidi então reunir nessa publicação virtual os poemas que foram publicados de forma coletiva. Por coincidências, acabo de reencontrar um HD antigo com alguns textos dos quais nem mesmo me lembrava. Pode ser que algum agrade a alguém, então os coloco aqui para quem quiser lê-los.

Agradeço a quem se debruçar sobre essas páginas virtuais e espero que esses meus pobre versinhos sirvam para trazer um pouco de entretenimento para as pessoas.

José Neres

Desilusão



Este poema foi publicado pela primeira vez em 1995, na Antologia **Mil Poetas Brasileiros**, organizada por Tony Carré pelo Instituto da Poesia internacional, página 553.

Poesia 2000
José Neres

DESILUSÃO

Para que ver as estrelas
e tê-las só em pensamento?
Para que ver a lua nua
e saber que ela nunca será só tua?
Para que amar o mar
se não podes suas ondas beijar
nem todo seu sal provar?
Para que dar adeus na partida
tida como ida sem volta,
vinda sem vida?
Se o mundo é imundo
e só um sono profundo
sem fundo de outro mundo
é capaz, rapaz, de te dar paz?

O tom da Canção



Poema publicado originalmente na **Antologia**
Del'Secchi, Volume IX, pág. 171. 2000.

Perdidos por aí
José Neres

O TOM DA CANÇÃO

(Tributo a Tom Jobim)

No meio de mil canções,
Um sonho, mil ilusões,
Um Tom entre mil tons,
Um Tom de mil megatons
No meio de mil corações.

No meio de mil corações
O som de tuas canções
Trazendo mil ilusões,
Cores de todos os tons
E pérolas de emoções.

Pérolas de emoções
São tuas lindas canções,
E tu, fonte de emoções,
Um Tom entre dez mil tons
No meio de mil corações.



Sobre o beijo inexistente

Poema publicado originalmente na Antologia **O Beijo**. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2000. p. 82-83.

Perdidos por aí
José Neres

SOBRE O BEIJO INEXISTENTE

O beijo não dado é o único inesquecível,
o único que marca a ferro e fogo n'alma
a dor de uma saudade não sentida,
a certeza da presença da mais doce
ausência e da incontestante amargura
de saber o que é e desconhecer o que foi.

O beijo não dado é o único que deixa marcas
indelévels nos virgens lábios mundanos
de tanto vigor sadio perdido ao léu,
de tantas carícias espúrias nas noites
de supremos delírios insones e de constantes
devaneios à luz inclemente do sol piedoso.

O beijo não dado é o único verdadeiro,
o único em que antes e depois não contam,
inexistem apenas, enchendo de denso vazio
o que era pleno de pura incompletude
e de saudade o que viveu numa doce
expectativa do nada sempre viver.

O beijo não dado é o único em que o hálito,
a saliva e o asco não compungem
o acordar do dia seguinte e nem magoa
a seleta ilusão da perfeição de um ato
nascido da imperfeição do mais imperfeito
ser da quase perfeita criação divina.

O beijo não dado é o único que não traz
consigo a certeza da infidelidade natural,
a obrigação tácita de tornar-se todo fiel
ao outro para quem a fidelidade pode não
ser uma constante, mas uma variável de
incógnitas múltiplas e inconstantes.

O beijo não dado é o único a inundar
de alegria a tristeza de sentir-se alegre
e de esvaziar a certeza de ser vazio
e de descrever o inefável absoluto
e de terminar o jamais iniciado
e de acabar o que nunca poderá ter fim.

O beijo não dado é o único inesquecível,
indelével nos virgens lábios mundanos,
embora inexistente, enche de senso vazio
a seleta ilusão da perfeição de um ato
que é uma constante e uma variável
que acaba o que nunca poderá ter fim.

O beijo não dado é, enfim, tudo, tudo,
inclusive um beijo... jamais dado.



Desamar-se

Poema publicado originalmente na Antologia **Poesia de Amor para Sempre**. Rio de Janeiro: Litteris editora, 2004. p. 59-60.

Perdidos por ai
José Neres

DESAMAR-SE

I

E o amor bateu à porta
Pedindo para entrar
Seduzido pelas narinas
Pelo sangue e pelo olhar

Esperou que cada abraço
Que cada seco murro
Por encanto se transformassem
Em doce e suave sussurro

Mas isso não aconteceu...

E as folhas do calendário caíram
Uma a uma no chão
E em cada queda nascia a vontade
E aprender a dizer não

Mas isso nunca acontecia...

As dores, o corpo marcavam
Com o chicote da desrazão
E cada lágrima derramada
Ia dos olhos ao doce coração

II

E o amor bateu a porta
Para nunca mais voltar
Repelido pelas narinas
Pela idade e pelo olhar

Sabia que cada abraço dado
Jamais ao dono retornaria
E que, de falta de amor próprio
Breve, muito em breve morreria.

E isso aconteceu...

Aconteceu num dia qualquer
Em qualquer hora e lugar
A morte de alguém que tanto amou
Mas que nunca soube se amar

E por não saber ser amar
Não plantou no chão saudade
Passou... e deixou no mundo apenas
Um espaço, um vazio, um lugar.

Trozos de Humanidad

Poema originalmente publicado na **Antologia Del'Secchi**, Volume X, pág. 162. 2000.

Perdidos por aí
José Neres

TROZOS DE HUMANIDAD

Y ahora ¿Qué hay de tu obra?

¿el hambre?

¿el hombre?

¿la esperanza?

¿el dolor?

¿la vida?

¿la humanidad?

Humanidad que adora y reniega

Que clama por paz y hace guerra

Que lucha por libertad y quiere esclavos

Que todo pide y nada a nadie da

Que acuerda el cuerpo u olvida el alma

Que nada hace para el todo

Que todo hace para la nada

Y hoy

¿Qué hay de la humanidad?

¿Trozos de hombres llenos de hambre?

¿El hambre que devora al hombre?

¿El dolor?

¿El olor?

¿La vida?

¿La ida?

¿El amar?

¿La mar?

¿Qué restó de aquello que hacía

Del hombre un hombre?

Hoy

Sólo hay la esperanza

De que tu infinita blandura

Rellene el hambriento corazón

Del hombre del infinito

Olor de la esperanza



El Descubrimiento

Este poema foi escrito para participar de um concurso literário na Espanha, lembro-me que na época ele ficou entre os primeiros colocados na votação popular.

Perdidos por aí
José Neres

EL DESCUBRIMIENTO

Desde la vena de mi alma insana,
En el cuadro de mi ventana,
Descubro que mi vida me engaña
Que mi yo es una tela de araña...

Yo, sofocado, sin ningún aviso,
Oigo una voz que se atreve a decirme:
“Hay un ilimitado paraíso,
Mas no para ti. Para quien es firme...”

Sé... para mí solo queda el dolor...
Soy débil y jamás seré un fuerte...
Entonces... a los otros el Amor...
Para mí, la compañera Muerte.



Partida

Este poema foi um dos selecionados no Concurso Literário da Farmácia Pague Menos, em 2019, e publicado na Antologia Amor é o que nos faz gigantes, página 66..

Perdidos por aí
José Neres

PARTIDA

Hoje, nossos suaves beijos
Não têm o mesmo sabor de antes,
Os nossos bem poucos desejos
Não duram mais muitos instantes.
Nós, em cada momento juntos,
Sabemos que somos viajantes
Repartindo nossos conjuntos
Em voos menos delirantes.
Verão passou, chegou inverno...
Ainda somos caminhantes...
O destino? Céu ou inferno?
A dúvida é uma constante.
Perto do momento mais certo,
Sonhos já se tornam distantes.
Flores iludem o deserto...
Partir é certeza constante.
Hoje, nossos cansados corpos
Não têm o mesmo vigor de antes.
Mas, mesmo em trajes quase mortos,
O Amor nos torna dois gigantes.
Por caminhos retos ou tortos,
Seremos sempre dois errantes.



Poemas resgatados de um HD antigo

Os poemas a seguir foram encontrados entre os documentos de um computador antigo. Confesso que já nem me lembrava deles. Todos são inéditos.

PÊNDULO

Cansado de tanto aqui
Tomei um banho de poesia
E parti rumo ao ali
Mas vai dia, vem dia
Estou em outro aqui
Buscando minha companhia
Em uma volta por aí.

LIBERDADE

Tentam prender-me a cada momento...
Não conseguem!
Sou gás, sou luz, sou pensamento...

eco

O eco de meu grito é solidão
E eu, despido de trevas,
Jamais me perco na multidão.

SUBLIMAÇÃO

Debaixo de meu chapéu esconde-se um céu
Com trovoadas, granizo, gelo e coração
Acima dele vejo um azul papel
Onde desenho faz anos minha solidão.

PASSAGEM

O tic-tac do relógio espanca meu peito
Dizendo que o fim célere se aproxima
Impassível, jogo os olhos para cima
E peço perdão por meus defeitos.

ABISMO

De mim só restarão os ais sentidos
Pelos passos dados em caminhos do mundo
E, depois de mil giros indefinidos,
Cairei no abismo do olvido sem fundo.

PRIMEIRA VEZ

Com os sonhos em riste,
Desvirginei medo da noite
Depois, muito triste,
Provei a cor do açoite.

ENCONTRO

Eu era treva, ela era luz...

Ela chegava, eu saía,

Unimo-nos em cruz.

3º ESTÁGIO

Vomitei todo o meu desespero
Nos seus lábios imundos
E, em estágio terceiro,
Sorvi gemidos profundos.

Perdidos por aí

Poemas esquecidos em algum lugar



José Neres



Scan me

Perdidos por aí
José Neres